

# “Navegar é preciso”: uma viagem às Fortalezas de Florianópolis



Fortaleza de Santo Antônio de Ratonés, por Mariana Belettini, 04/07/2017.

Colégio de Aplicação – CED/UFSC

Ensino Médio – 1ºD

Alunas: Maria Luiza Pierri & Mariana de Alcantara Belettini

Professores/Disciplinas: Nara (Língua Portuguesa e Literatura Brasileira); Karen (História); Camilo (Estudos Latino-Americanos); Raphaela (Geografia); Ivan (Biologia); Heros (Química); Dalânea (Pedagoga); Camila (Sociologia)

Nós, M<sup>a</sup> Luiza e Mariana Belettini, alunas do 1º Ano D do Colégio de Aplicação – UFSC, acordamos muito cedo naquele dia, às 5h e 27 min e 6h, respectivamente. Após sairmos de casa e pegarmos o ônibus, nos dirigimos até a escola com grande expectativa. Chegando lá, encontramos uma a outra aproximadamente às 7h e 20 min, no pátio dos Anos Iniciais. Assim que ouvimos o sinal, os alunos das turmas B e D seguiram em direção ao auditório do colégio, onde iríamos nos concentrar juntamente com estudantes dos 3ºs Anos que participariam de uma trilha naquele mesmo dia.

Ainda no auditório, recebemos informações prévias relacionadas à viagem e instruções de como proceder com a coleta de dados durante a saída de estudos, pois seria necessário produzir um trabalho interdisciplinar. Participaram dessa pesquisa de campo, os professores Ivan (BIO); Heros (QMC); Nara (LP); Raphaela (GEO); a pedagoga Dalânia Flor; a estagiária do Projeto Fortalezas da Ilha/UFSC, Francielly; e os intérpretes de libras Júnior e Rogers. No total, havia 45 alunos, 4 professores e 4 bolsistas, ou seja, 52 pessoas. Certo tempo depois, às 8h25min, saímos da escola com o ônibus fornecido pelo colégio, rumo à praia de Canasvieiras. Em relação ao veículo, observamos que o mesmo atendia as condições mínimas de acessibilidade, possuindo entrada adequada para cadeirantes e deficientes físicos/visuais.

Seguindo pela Rua Profa. Maria Flora Pausewang, passamos pelo Shopping Iguatemi e pelo Terminal da Trindade (TITRI), continuando o trajeto pela Rod. José Carlos Daux. No final do percurso, chegamos ao Trapiche de Canasvieiras, às 9h, onde as duas turmas se reuniram na sede da Escola do Mar. (Anexo 1)

O local ficava de frente para a parte norte de Florianópolis, onde havia a praia que seria a origem de nossa visita às ilhas. Luiz, o professor de Educação Física da Escola do Mar, que nos acompanhou durante a saída de estudos, forneceu notas para um melhor aproveitamento da experiência. Enquanto



Vista da praia de Canasvieiras e barco; por Mariana Belettini

estávamos reunidos perto do trapiche, ele disse que teríamos de utilizar o colete salva-vidas a todo momento e que, caso caíssemos no mar, deveríamos soprar um apito. Apesar de acharmos isso um tanto desnecessário (pois aparentemente não corríamos nenhum perigo), seguimos suas instruções à risca e prestamos atenção nos elementos que pudessem ser úteis em nosso trabalho.

Quando já estávamos informadas sobre tudo o que aconteceria naquele dia, caminhamos na margem da praia iluminada pelo sol da manhã, rumo ao barco que nos

levaria primeiramente à Ilha Ratonas Grande. O clima estava ensolarado, com somente algumas nuvens. A temperatura era agradável, e começamos a nos arrepender de ter levado tantos casacos.

Assim que avistamos a embarcação, pensamos que a mesma tinha um espaço menor do que imaginávamos. Como éramos um grupo relativamente grande, eu, Mariana Belettini, confesso que temi o naufrágio daquele meio de transporte marítimo, embora a minha colega pesquisadora, Maria Luiza, não estivesse preocupada com a situação.

Então, entramos no barco às 9h30min, deixamos nossas mochilas em uma bancada com uma das tripulantes, pegamos coletes salva-vidas e nos posicionamos na proa para uma melhor vista do horizonte. Dessa maneira, a viagem tenderia a ser mais didática, já que teríamos a oportunidade de observar diversos aspectos de nossa costa náutica. Recebemos mais instruções quanto ao uso dos coletes salva-vidas, e não tardamos a colocá-los. Estavam com as turmas o capitão Claudinho, Carlos, Evângelo e Sílvia. Logo que achamos um lugar para ficar durante o trajeto, percebemos que a embarcação não possuía condições para receber um indivíduo que precisasse de cadeira de rodas, pois seria difícil a entrada do mesmo e também não haveria um local apropriado para ocupar durante o trajeto. Sugerimos que sejam instalados elementos que facilitem sua locomoção, como rampas, e um lugar no barco onde seja possível que a pessoa esteja segura.



Às 9h35min, partimos do trapiche e seguimos para a primeira fortaleza, Santo Antônio de Ratonas.

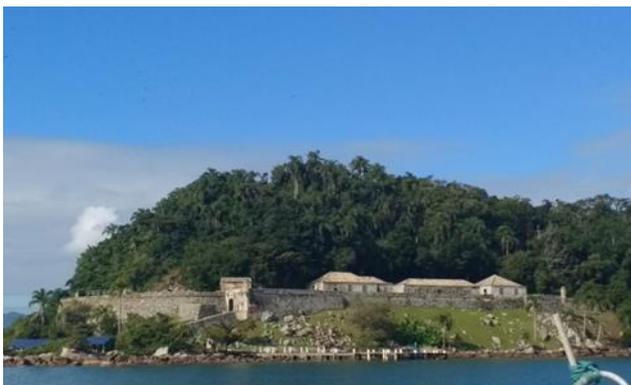
**Ilha de Ratonas, por Maria Luiza**

No começo, achamos que a embarcação iria balançar demais e que sentiríamos mal estar, contudo, isso não ocorreu. À medida que íamos nos afastando da terra e avançando no mar, prestamos atenção nas construções comerciais e residenciais que estavam presentes em Canasvieiras. Existia uma visível ocupação da orla, que muitas vezes era irregular e causava danos ao meio ambiente, bem como riscos e obstáculos para o mar. Aquele espaço, por sua vez, tornava-se ambientalmente frágil. Um exemplo são os bares e clubes que tomaram conta da área de restinga de Jurerê, um bairro próximo. Ao mesmo tempo, conseguíamos ver certos edifícios mais antigos se destacando na paisagem, como uma igreja.

Enquanto prosseguíamos com nossa saída de estudos, o professor Luiz nos contou sobre a própria origem do nome de Canasvieiras: vinha do sobrenome de uma família que cultivava o plantio de cana de açúcar na região. Consequentemente, a localidade recebeu o apelido de “Canas Vieiras”. Naquele momento, a viagem estava sendo muito agradável, ficamos felizes com o fato de que o clima não estava frio, como esperávamos. Quando olhávamos para a praia de onde saímos, tínhamos a impressão de que ela era uma

maquete, e não sabíamos mais o que poderia haver atrás dos morros que víamos. Sentimo-nos como verdadeiras descobridoras de um território novo para nós.

Aproximadamente às 9h55min, passamos pela Ilha do Francês, que já foi chamada de Ilha dos Papagaios, mas teria sido concedida pelo governo a um militar que veio da França. Tempos depois, o lugar foi transformado em território particular, e sendo transferido de um proprietário a outro com o passar dos anos. Ainda há um resquício de Mata Atlântica, nessa pequena ilha perto da costa.



Ilha de Ratonés, por Pierri/Belettini, 04/07/2017

Seguindo, não tardamos a avistar a Praia do Forte, onde estava localizada a Fortaleza de São José da Ponta Grossa. Esta construção foi conquistada pelos espanhóis no ano de 1777 e permaneceu sobre domínio estrangeiro durante um ano. Logo depois, havia um mangue que servia como fronteira entre esse forte da Ilha de Ratonés.

A chegada em Ratonés se deu por volta das 10h45min. No nosso ponto de vista, a ilha parecia um bolinho, de longe, e em sua extremidade existia algumas placas fotovoltaicas de energia solar. Ficamos felizes em colocar o pé em terra firme, nos sentindo verdadeiras exploradoras da natureza. Passamos fome nessa etapa da viagem, mas, ao ver a construção, paramos de nos preocupar com esse detalhe. Além disso, sabíamos que iríamos realizar nosso primeiro lanche bem ali.

Descemos do barco e realizamos nossa refeição com frutas e bolachas - lanche do colégio, mas sem demora, para visitar o forte de Santo Antônio de Ratonés, cuja construção iniciou-se em 1740. Juntamente com São José da Ponta Grossa e Santa Cruz de Anhatomirim, formava o triângulo defensivo arquitetado pelo brigadeiro José da Silva Paes, cujo objetivo era proteger a entrada da Baía Norte de Florianópolis contra ameaças estrangeiras. Cada fortaleza era um vértice importante para o cruzamento de fogos, idealizado no centro da figura.



Triângulo defensivo das fortalezas de Florianópolis.

Subimos uma escada feita de pedras, semelhantes às que encontramos nas cidades históricas de Minas Gerais, em nossa saída de estudos no ano anterior. Assim como foi observado com a embarcação, a fortaleza em que estávamos não trazia muitas condições acessíveis a deficientes físicos. A locomoção era difícil, pois não havia rampas para cadeirantes, ou piso tátil para os cegos, além de dificultar a caminhada das crianças ou idosos por conta do piso escorregadio. Quanto à história da construção, a falta de áudios explicativos para os deficientes visuais acaba prejudicando o passeio.

Em relação à construção do local, notamos que existia uma Casa do Comandante, a cozinha da tropa, um aqueduto, uma Casa dos Oficiais e uma Casa da Palamenta (que já foi a cozinha da tropa, mas serve para guardar artefatos. É o único exemplar ainda remanescente nas fortalezas similares na região). O forte abrigava muitas pessoas, para o caso de um ataque inesperado e até mesmo para a própria ocupação da terra: era necessário demonstrar que ali se encontrava uma população e uma sociedade.

Ao redor da fortaleza, havia muitas rochas e uma vegetação demasiadamente densa, com árvores que alcançavam 10 metros de altura ou mais. Sobre as pedras, era visível uma grande quantidade de líquen: uma mistura de algas e fungos. Essa característica, segundo o professor Ivan, representava o quão puro era o ar daquele meio.

Nós, que estávamos realizando nossa pesquisa de campo, olhamos para cima e nos deparamos com diversas aves que sobrevoavam a ilha. Eram as fragatas, aves marinhas que costumam viver naquele tipo de ecossistema. Elas lembraram a mim, Maria Luiza, o livro *O Garoto no Convés* (lido como relato de viagem, na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira), no qual os personagens se encontram em uma lancha no meio do mar e usam esses animais como meio de localização para procurar território. Foi fácil se colocar no lugar deles e imaginar uma busca incansável por terra firme e mantimentos.



Escada para o Forte de Ratones, por Mariana B.

No alto da ilha, ficavam os canhões, alguns de ferro e outros de bronze, que foram fabricados tanto pela Inglaterra quanto por Portugal. Toda aquela região abrangia um lindo visual, de um lado estava o continente, e do outro a parte norte de Florianópolis. Imaginamos, por um momento, como teria sido a vida dos soldados nos séculos XVIII e XIX, mesmo que não tenha acontecido nenhum conflito no mar, provavelmente seu modo de vida deve ter sido interessante.

Ouvimos mais explicações relacionadas à fortaleza, incluindo curiosidades gerais e aspectos de sua arquitetura. Algo diferente para nós foi o modo como as janelas das bases de observação foram construídas: do lado de fora elas pareciam extremamente estreitas, mas do interior elas davam

uma ótima visão do horizonte. Esse tipo de estrutura era útil para criar um fogo cruzado e evitar que o inimigo consiga uma linha de tiro em um possível combate.

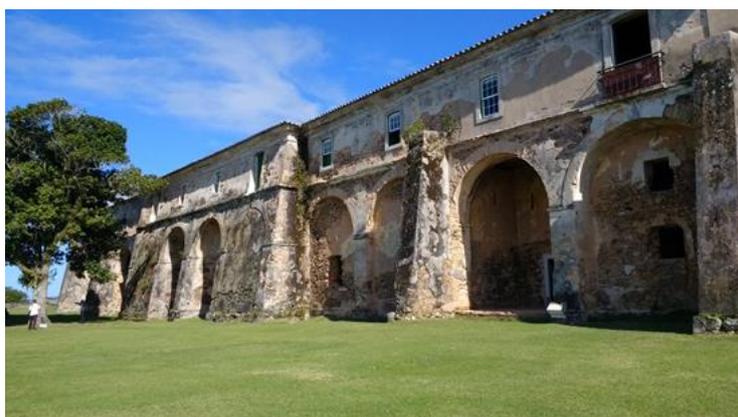
Assim que a pesquisa na ilha terminou, nós voltamos para o barco junto com os outros pesquisadores, nos sentindo curiosas sobre como a próxima fortaleza seria. Naquele momento, pelo menos já tínhamos ideia do que estaria por vir. Tivemos de nos despedir de Santo Antônio de Ratonés e seguir para Santa Cruz de Anhatomirim. Em torno de 11h22min, a embarcação dirigiu-se para noroeste, deixando a terra mais uma vez.

Seguimos adiante, como sempre, fazendo registros escritos e visuais do trajeto. Chegamos a ter a impressão de que estávamos nos acostumando com a sensação de estar dentro de um barco. Ainda teríamos bastante tempo para confirmar isso. A cada minuto, íamos nos movendo rapidamente pela água, era como se não percebêssemos o tempo passar.

Em um determinado momento da viagem, o céu tornou-se nublado e com aspecto cinzento, no mesmo instante pensamos que a chuva finalmente iria aparecer. Ao longe, as nuvens começavam a cercar o barco, e aquela foi a hora em que lamentamos não ter trazido nenhuma capa de chuva. O frio, que antes estava ausente, quase que do nada se fez presente na embarcação. A chuva começou a cair e molhou as pessoas que estavam na popa, incluindo nós. Tentamos nos cobrir de algum modo, mas não deu certo. Felizmente, a situação não permaneceu dessa forma por muito tempo, uma vez que logo avistamos a Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim. Quando o barco atracou no trapiche da ilha, o tempo melhorou como mágica.

Eram 11h55min, a primeira coisa que fizemos foi realizar outro lanche, pois estávamos desvairadas de fome. Eu mesma, Mariana Belettini, pensei que iria desmaiar. Junto com nossas colegas, nos sentamos em uma mesa para realizar a refeição. Essa parte da viagem foi rápida, pois estávamos um pouco atrasados e devíamos começar a explorar o local.

Ficamos sabendo que a Fortaleza de Anhatomirim foi construída em 1739, sendo finalizada em 1744, usando mão de obra escrava e indígena, que aproveitava a matéria-prima local e técnicas tradicionais da época para realizar a edificação. Na entrada, havia



**Alpendres da Fortaleza de Anhatomirim, por Mariana B.**

uma portada com aspecto oriental, feita de mármore português, encontrado em uma colônia portuguesa chamada Macau. Esse material era trocado por madeiras pela metrópole e servia como peso para a estrutura dos navios. Em relação à construção, observamos o Quartel do Comandante, o Quartel da Tropa, Armazém da Pólvora, a Casa

da Palamenta e o Paiol da Farinha (que era utilizado para armazenar mantimentos em geral, tendo seu nome associado à influência do cereal no século XVIII).

Como o Forte era rodeado pela grama, não encontramos muita dificuldade para os deficientes físicos e pessoas idosas, mas, na entrada, a escadaria que nos levava para dentro da Fortaleza era muito



Vista da Ilha de Anhatomirim, por Mariana B.

grande e possui degraus altos, cansando a todos durante a jornada. Nesta fortaleza, também não encontramos recursos de áudio que possibilitassem uma melhor interação de pessoas que possuem deficiência visual com o espaço.

Logo depois, seguimos caminhando até nos depararmos com um túnel em forma de abóboda e com teto feito com tijolos, que nos levava para a parte de trás do Forte, onde ficava a Bateria Baixa. O trajeto até lá não era muito fácil. Segundo o professor Luiz, havia uma lenda que dizia que, ao atravessarmos o túnel, trocaríamos de gênero ou morreríamos. Eu, Mariana Belettini, sabia que era apenas uma lenda, mas admito ter ficado com um pouco de receio ao atravessar aquela construção subterrânea. Já eu, Maria Luiza, achei a história divertida, pois me fez lembrar a lenda da figueira da Praça XV, no centro de Florianópolis. Deu tudo certo no final. Nesse momento, estávamos um pouco livres e, ao chegar à parte de trás da Fortaleza, nos sentimos no topo do mundo observando todo aquele mar e tentando identificar as pequenas ilhas no fundo do horizonte. Esse momento rendeu muitas fotos.

Árvore dos Enforcados, por Mariana Belettini



Saindo daquele transe, nos juntamos novamente à turma e ao guia, continuando a nossa caminhada, ouvindo mais explicações sobre o forte. Havia em um canto, um não tão pequeno araçazeiro, batizado de Árvore dos Enforcados, que fazia parte do folclore da Ilha de Anhatomirim. Segundo outra lenda, ele teria sido protagonista de enforcamentos e fuzilamentos de muitos prisioneiros durante o final da Revolução

Federalista. Até hoje, alguns funcionários e guias dizem que escutam os sussurros dos mortos. Nós tentamos, sem sucesso, ouvir esses sons. Depois, fomos observar a Estação Radiotelegráfica, que estava em uma área da ilha relativamente mais afastada. Ela foi construída ali no intervalo das duas guerras mundiais, pela Marinha do Brasil, e representa um período de modernização do forte. O local fornecia serviços de telegrafia sem fio e era também a morada do telegrafista. Possui uma arquitetura eclética, com algumas colunas de alvenaria e alpendres laterais.

Às 14h15min, antes de partir de volta ao barco, encontramos algumas capivaras, que foram o motivo de muitas fotos e piadas. Lembramos que havia cinco ou seis delas. A última coisa que vimos, foi o Novo Paiol da Pólvora, uma estrutura cercada por um muro com cerca de trinta centímetros de espessura. Durante muito tempo, foi o abrigo de armas e munições.



Vista da Ilha de Anhatomirim para o Atlântico, por Mariana B.

Despedimo-nos, então, da última fortaleza e fomos rumo à Baía dos Golfinhos. Talvez fosse um pouco decepcionante deixar a ilha, mas era como se fôssemos viajantes em busca de outro lugar. Afinal, “navegar é preciso”. Durante toda a volta, encaramos o



Vista da costa de Canasvieiras, por Maria Luiza, 04/07/2017

mar que estava um pouco mais agitado do que na ida, e o vento era mais forte, deixando eu, Mariana Belettini, um tanto enjoada, não esperando a hora de colocar os pés em terra firme de novo. Apesar de não ver nenhum golfinho na Baía, nos divertimos muito com os nossos colegas e pudemos aproveitar mais a vista e a embarcação.

O barco estava balançando bastante e de vez em quando caía um pouco de água dentro dele, bem perto de onde estávamos. Essa era mais uma vantagem de estar na popa. Eu, Maria Luiza, admirei esse detalhe, pois acho que, com a tecnologia dos séculos XV ao XVIII, a situação não deveria ser muito diferente dessa. As águas pareciam ser bem limpas, a não ser por uma garrafa de plástico que vimos na volta para o trapiche.

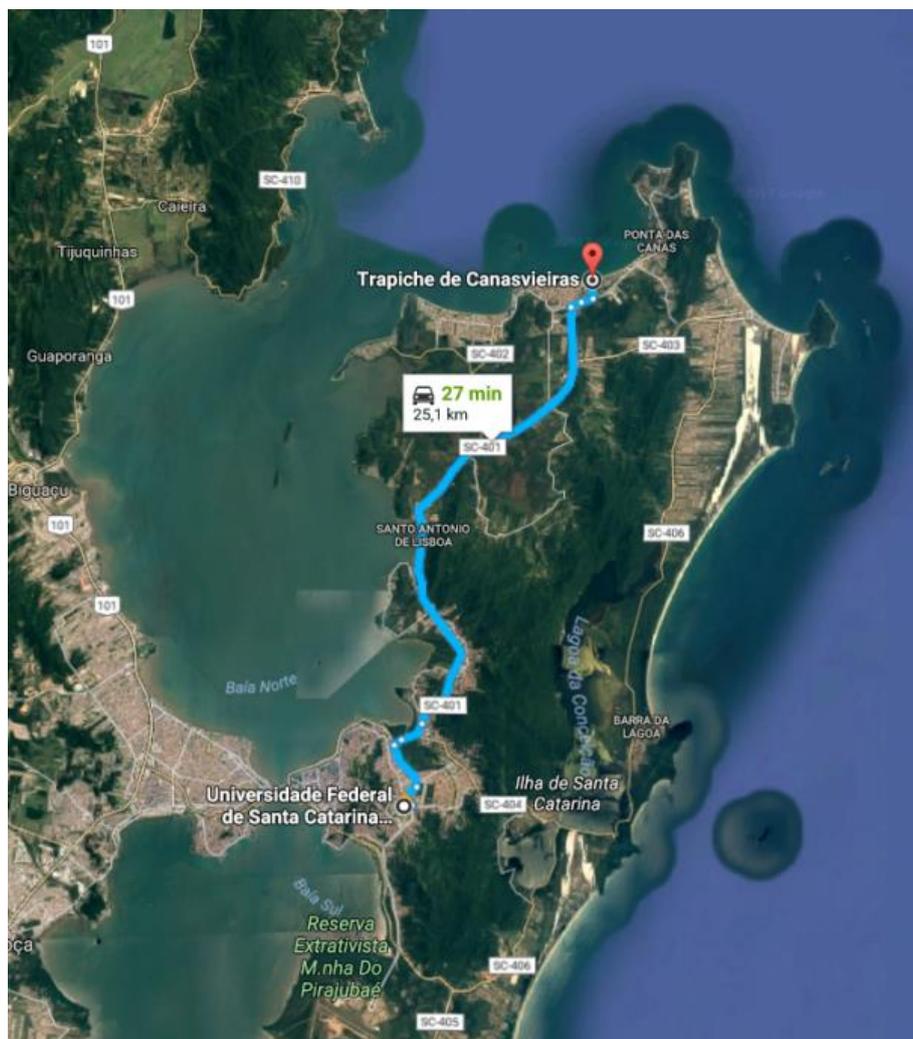
Para nós, essa pareceu ser a parte mais longa do trajeto sobre o mar, mas, agora, temos a impressão de que durou pouco. Chegamos à praia de Canasvieiras às 16h20min, saímos do barco e pegamos nossas mochilas. Estávamos felizes pela saída de estudos ter

sido produtiva e ter nos rendido muitas fotos. Fomos andando até a sede da Escola do Mar, que tinha sido a origem de nossa viagem, e lá nos reunimos. Minutos mais tarde, seguimos os professores até o ônibus que nos levaria de volta para a escola. Voltamos quase tão animados quanto antes da pesquisa, fazendo brincadeiras e conversando. Dias depois, a coisa mais importante a se fazer seria um relato sobre essa experiência.



**Da esquerda para a direita: Malu, Lana, Mari e Joana S2, por Thaís B.**

## Anexos:



Anexo 1: Trajeto percorrido de ônibus: UFSC à praia de Canasvieiras



Anexo 2: Quartel da Tropa, por Mariana Beletini, 04/07/2017